



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

MARIA BEATRIZ MARTINS OLIVEIRA DE LIMA

**ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM
DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MARIA BEATRIZ MARTINS OLIVEIRA DE LIMA

**ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM
DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Me. Débora Barbosa Guedes de Oliveira Vilaça.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732a Lima, Maria Beatriz Martins Oliveira de.

Assédio moral no ambiente universitário [manuscrito] : um Estudo Com Discentes da Universidade Estadual da Paraíba / Maria Beatriz Martins Oliveira de Lima. - 2024.

46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Profa. Me. Débora Barbosa Guedes de Oliveira Vilaça, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Assédio moral. 2. Ambiente acadêmico. 3. Estudantes. I.

Título

21. ed. CDD 158.2

MARIA BEATRIZ MARTINS OLIVEIRA DE LIMA

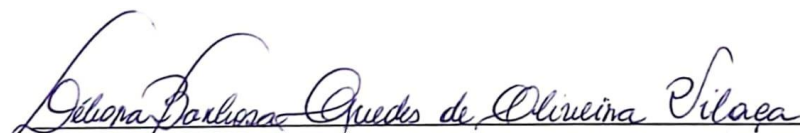
ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM
DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

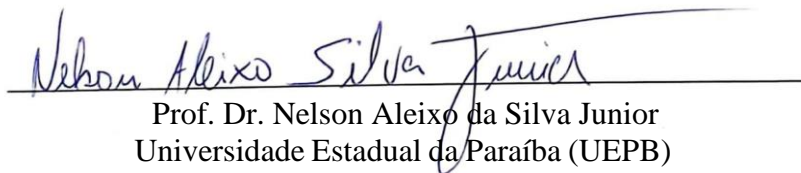
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 21/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Débora Barbosa Guedes de Oliveira Vilaça (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Nelson Aleixo da Silva Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em cada etapa desta jornada acadêmica fui agraciada com o apoio e o carinho de pessoas que iluminaram meu caminho e tornaram possível a realização deste trabalho.

À Deus, fonte infinita de inspiração e força, agradeço pela sabedoria e serenidade que me acompanharam em cada momento. Estendo minha gratidão à espiritualidade benfeitora e amiga, especialmente aos irmãos Dr. Hans e José Grosso. Suas presenças foram faróis em noites de incerteza e alento em dias de cansaço.

À minha amada mãe dedico este trabalho com todo o meu amor. Você é o porto seguro que me ampara e me encoraja a navegar por mares desconhecidos. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada gesto de apoio e por acreditar em meu potencial com uma fé inabalável. Você nunca soltou a minha mão.

Aos meus antepassados e familiares, especialmente aos meus queridos avós maternos, Manoel das Cabras e Dona Jovem, que já partiram, mas cujas memórias e ensinamentos continuam a me inspirar, dedico este trabalho. Aos meus tios, principalmente Martinho e Daniel, que ajudaram na minha criação e foram pilares de apoio em minha vida, obrigada por estarem sempre ao meu lado.

À minha orientadora, Débora Vilaça, minha enorme gratidão. Sua dedicação e sabedoria foram fundamentais para a construção deste estudo. Suas orientações guiaram meus passos e ampliaram meus horizontes.

Aos mestres que tive ao longo do curso, sou grata por cada aula, cada ensinamento e cada inspiração. Vocês plantaram em mim as sementes do conhecimento que hoje florescem neste trabalho. Em especial aos professores Felipe Arruda, Juliana Gama, Livânia Beltrão, Wilmar Gaião, Emily Gaião e Edwirde Camêlo.

E, finalmente, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, cruzaram meu caminho e deixaram sua marca em minha trajetória, meu profundo agradecimento. Cada gesto, cada palavra de incentivo foi uma força motriz que me ajudou a alcançar este momento. Com o coração repleto de gratidão, encerro esta etapa sabendo que, sozinha, não teria chegado tão longe. Muito obrigada a todos.

RESUMO

O assédio moral corresponde a toda conduta abusiva que é expressa por meio de ofensas, comportamentos, atos, gestos e palavras que acarretam danos ao bem-estar físico e psicológico dos indivíduos, afetando a dignidade e a personalidade das vítimas, colocando-as em situação de instabilidade em seus ambientes de trabalho. Esse fenômeno pode ser observado nos mais diversos contextos, incluindo o ambiente universitário, no qual os alunos podem vivenciar situações de abuso e desrespeito que em geral são praticados pelos próprios docentes, levando os estudantes a enfrentarem situações de estresse, desgaste emocional e quiçá adoecimento, pondo em risco a permanência na universidade. Em face dessas questões, esse estudo objetivou investigar se estudantes dos cursos do Centro de Ciências Biológicas da Saúde do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba identificam a presença de assédio moral em seu ambiente acadêmico. Esta pesquisa adotou uma abordagem quantitativa, descritiva e transversal. Para a coleta de dados foi utilizado o questionário sobre Maltrato Psicológico com Estudantes de Graduação composto por 36 questões e um questionário sociodemográfico, para caracterização da amostra. Os dados foram analisados utilizando estatísticas descritivas, *Alfa de Cronbach* e correlação de *Spearman*. Essa análise se deu por meio do *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Os resultados evidenciaram que a maioria dos alunos pesquisados (69,3%) não vivenciou situações de assédio moral em seu ambiente acadêmico. No entanto, aproximadamente um terço (30,7%) relatou experiências problemáticas, destacando-se situações como receber informações contraditórias (14,6%), não ser cumprimentado(a) (12,7%), e sofrer pressão e sentir que os professores exercem controle de forma diferenciada entre os alunos (12,4%). A análise de correlação identificou associações significativas entre as variáveis, destacando a interconexão entre o relacionamento com colegas e professores. Este estudo representa uma ferramenta fundamental para orientar os estudantes universitários sobre a importância da investigação e combate ao assédio, ressaltando a necessidade urgente de políticas mais específicas, que ofereçam suporte adequado às vítimas, além de ações institucionais que visem garantir um ambiente acadêmico saudável e livre de assédio. Estas medidas são essenciais para promover uma cultura de respeito e bem-estar dentro da universidade.

Palavras-Chave: assédio moral; ambiente acadêmico; estudantes.

ABSTRACT

Moral harassment corresponds to any abusive conduct expressed through insults, behaviors, acts, gestures, and words that cause harm to individuals' physical and psychological well-being, affecting the dignity and personality of the victims, placing them in situations of instability in their work environments. This phenomenon can be observed in various contexts, including the university environment, where students may experience situations of abuse and disrespect often perpetrated by faculty members, leading students to face situations of stress, emotional exhaustion, and possibly illness, jeopardizing their continued presence in the university. Given these issues, this study aimed to investigate whether students from the courses of the Center for Biological Health Sciences at Campus I of the State University of Paraíba identify the presence of moral harassment in their academic environment. This research adopted a quantitative, descriptive, and cross-sectional approach. For data collection, the Psychological Maltreatment Questionnaire with Undergraduate Students, consisting of 36 questions, and a sociodemographic questionnaire were used to characterize the sample. The data were analyzed using descriptive statistics, Cronbach's Alpha, and Spearman's correlation. This analysis was carried out using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) software. The results showed that the majority of surveyed students (69.3%) did not experience situations of bullying in their academic environment. However, approximately one-third (30.7%) reported problematic experiences, with situations such as receiving contradictory information (14.6%), not being greeted (12.7%), and feeling pressured and perceiving that professors exert differential control among students (12.4%) standing out. Correlation analysis identified significant associations between variables, highlighting the interconnection between relationships with peers and professors. This study represents a fundamental tool to guide university students on the importance of investigating and combating moral harassment, emphasizing the urgent need for more specific policies that provide adequate support to victims, as well as institutional actions aimed at ensuring a healthy and harassment-free academic environment. These measures are essential to promote a culture of respect and well-being within the university.

Keywords: moral harassment; academic environment; students.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	Conceituando o assédio moral	10
2.2	As implicações do assédio moral no contexto acadêmico: a realidade de estudantes universitário	12
2.3	Consequências do assédio moral na saúde psíquica de estudantes universitários	13
3	METODOLOGIA	16
3.1	Caracterização da pesquisa	16
3.2	Universo/amostra	16
3.3	Instrumento de pesquisa	16
3.4	Procedimento de coleta de dados	17
3.5	Procedimento de análise dos dados	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1	Caracterização da amostra	20
4.2	Análise descritiva do Questionário sobre Maltrato Psicológico com Estudantes de Graduação	23
4.3	Testes de correlação	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	40
	ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOBRE MALTRATO PSICOLÓGICO NA GRADUAÇÃO	42

1 INTRODUÇÃO

O assédio moral define-se pela exposição de pessoas a circunstâncias constrangedoras e humilhantes, manifestando-se por comportamentos ou palavras abusivas que ocorrem de forma repetitiva e prolongada, colocando em risco a integridade, dignidade e saúde do indivíduo, acarretando em prejuízos que podem ser irreversíveis tanto para a vítima, quanto para o ambiente no qual se expressam as ocorrências de assédio (Hirigoyen, 2019).

De acordo com Heloani (2005), esse fenômeno consiste em uma estratégia deliberada de desqualificação contínua da vítima, seguida pela sua fragilização, com o objetivo de neutralizá-la em termos de poder. Esse enfraquecimento psicológico pode levar o indivíduo vitimizado a uma gradual perda de sua identidade pessoal, visando anular a vontade daquele que, aos olhos do agressor, representa uma ameaça.

Quanto a intencionalidade dessa prática, Hirigoyen (2011) e Forbes (2012) defendem que as responsabilidades e consequências pelo comportamento agressivo são as mesmas, independentemente do nível de consciência que o agressor tenha de suas intenções destrutivas. Da mesma forma, isso se aplica aos colegas que, ao serem omissos diante das agressões, permitem a continuidade do processo violento e, conseqüentemente, o sofrimento solitário da vítima (Soboll *et al.*, 2017)

Essa prática nasce através de uma atitude aparentemente inofensiva, propagando-se e assumindo maiores proporções, onde os ataques multiplicam-se e a vítima é seguidamente acuada e posta em situação de inferioridade, submetida a manobras hostis e degradantes durante um período maior (Hirigoyen, 2019). Desse modo, o assédio moral se caracteriza pela ocorrência de atitudes de violência cuja frequência se faz de forma repetitiva, desenvolvendo efeitos danosos à saúde mental e física, que afetam diretamente a vida e o bem-estar da vítima (Batista *et al.*, 2021).

Corroborando esse pensamento Nunes *et al.* (2019) destacam que o assédio moral configura um fenômeno de natureza psicossocial que produz na vítima danos as suas relações interpessoais, afetando a sua integridade, dignidade e desestruturando sua autoestima, além de gerar repercussões negativas a sua saúde, devido à experiência de violência psicológica por ela enfrentada. Devido a isso, essa insistente violência psicológica deve ser abordada de formas diferentes, voltando sua análise ora para o sujeito, ora para o contexto e suas relações sociais, ora para ambos. Nesse sentido, o processo de avaliação para identificar o assédio moral deve envolver uma junção entre os aspectos das

relações individuais e interpessoais e da organização dos contextos, como o do trabalho e o acadêmico (Soboll, 2008).

Assim como no ambiente laboral, o contexto universitário também configura um espaço favorável ao aparecimento de situações de assédio moral, onde estudantes podem enfrentar situações de humilhação e constrangimento sendo-lhes atribuídos apelidos pejorativos, tarefas humilhantes ou mesmo incompatíveis com a suas atribuições enquanto pessoas em processo de formação profissional (Gallindo, 2009). Deste modo, convém salientar que assim como no contexto laboral, o ambiente acadêmico, que deveria ser um espaço de acolhimento e vivência de experiências enriquecedoras em torno da busca pelo conhecimento, também pode se apresentar como um cenário favorecedor das práticas de assédio moral, já que os estudantes, assim como os trabalhadores em seu contexto de trabalho, também enfrentam situações de exposição, humilhação e constrangimento, o que para além do desconforto deste tipo de experiência, pode culminar em sofrimento psíquico, e nos casos mais severos, em adoecimento dos alunos (Nunes e Torga, 2020).

Ao enfrentar situações de assédio moral em seu contexto acadêmico, o estudante universitário também experimenta um abalo na qualidade de seu aprendizado, haja vista que a experiência do assédio, além de poder leva-lo a enfrentar altos níveis de estresse, mexe com o grau de motivação para o aprendizado, impactando de modo negativo na autoestima do estudante (Coelho, 2022).

O fato de estar na condição de aprendiz muitas vezes faz com que o estudante assuma uma atitude de insegurança em relação aos professores, aceitando que estes assumam posturas abusivas e de desrespeito, haja vista que rebelar contra um docente e contestar sua postura e atitude podem ser encarados pelo estudante como mais um motivo para que as situações de abuso e desrespeito se tornem mais frequentes e incômodas (Nunes & Torga, 2020).

Deste modo, as discussões em torno do assédio moral com estudantes universitários configuram a tentativa de lançar um olhar em torno de como as Instituições de Ensino Superior se organizam em torno da prevenção e do combate às práticas de assédio moral em seu ambiente acadêmico. Refletindo acerca dos prejuízos que esse tipo de ocorrência pode trazer para a vida dos estudantes e quiçá para sua saúde e bem-estar, pesquisar sobre o assédio moral lança luz sobre as questões obscuras que regem as relações sociais dentro das organizações, além de promover, a partir dos resultados, a conscientização dos problemas de natureza psicossocial em torno da realidade dos sujeitos pesquisados.

Em face dessas questões, este estudo traz como finalidade verificar se os estudantes

dos cursos do Centro de Ciências Biológicas da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba identificam a presença de assédio moral em seu ambiente acadêmico. Para isso, através da pesquisa empírica buscou-se compreender os aspectos sociodemográficos do público pesquisado e sua possível relação com o fenômeno em análise. Adicionalmente, foram exploradas as correlações entre esses aspectos e os resultados obtidos por meio do Questionário Sobre Maltrato Psicológico na Graduação. A escolha do tema de assédio moral para esta pesquisa justifica-se pela gravidade e prevalência deste fenômeno em diversos contextos, incluindo o ambiente acadêmico, onde estudantes frequentemente enfrentam situações de assédio que afetam negativamente seu aprendizado, motivação e bem-estar. Compreender como o assédio moral se manifesta nesse contexto é essencial para identificar e mitigar seus efeitos prejudiciais. Assim, os resultados desse estudo visam não apenas aprimorar a compreensão do assédio moral com estudantes no contexto universitário, mas também fornecer *insights* significativos para refletir acerca da implementação de estratégias eficazes de prevenção e intervenção, buscando promover um ambiente acadêmico mais saudável e seguro, melhorando a experiência de aprendizado e contribuindo para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceituando o assédio moral

O assédio moral é um fenômeno socialmente antigo, abordado em diferentes perspectivas por diversos autores, proporcionando assim uma compreensão ampla desse fenômeno complexo. Presente em diversos contextos sociais, caracteriza-se pela prática de uma violência sutil e muitas vezes camuflada, capaz de causar danos duradouros no âmbito psicológico, mental e emocional, apesar de não deixar marcas físicas visíveis. Esta forma de violência pode manifestar-se em várias esferas de convivência, incluindo relações familiares, educacionais e outros grupos sociais aos quais um indivíduo pertença (Raminelli, 2022).

No que se refere a terminologia, Raminelli (2022) esclarece que o estudo do assédio moral no ambiente laboral recebe diferentes denominações em diferentes países, refletindo a propagação dos estudos e das descrições que buscam conceituar o abuso moral. Essas denominações incluem termos como "*bullying*", "*mobbing*", "*harassment*", "*harcèlement moral*", "*acoso moral*", "*acoso psicológico*", "psicoterrorismo", "*molestie psicologica*", "*coacção moral*" e "assédio psicológico" ou "assédio moral", variando de acordo com a cultura e a ênfase colocada sobre os diversos aspectos envolvidos à violência psicológica.

Heinz Leymann, psicólogo do trabalho, foi o pioneiro na pesquisa sobre assédio moral na Suécia, denominando o fenômeno de "psicoterror" e cunhando o termo "*mobbing*". Segundo Leymann (1996), o *mobbing* ocorre em uma situação comunicativa hostil, onde uma ou mais pessoas coagem outra, resultando em uma posição de fraqueza psicológica (Heloani, 2005).

Hirigoyen (2019), psiquiatra francesa e renomada especialista no estudo do assédio moral, descreve essa forma de violência como um fenômeno perverso, que se manifesta de maneiras sutis e destrutivas no ambiente de trabalho e em outras esferas da vida cotidiana, e que apesar de ser algo tão antigo quanto o próprio trabalho, foi apenas no início desta década que foi reconhecido como um fenômeno destruidor.

Heloani (2005) enfatiza que o assédio moral muitas vezes inicia-se com baixa intensidade, evoluindo à medida que a vítima se torna alvo de mais humilhações, concomitante a isso, o medo de retaliações e a vergonha de denunciar formalmente contribuem para a propagação do assédio, perpetuando a covardia dos ataques.

Conforme Nunes e Torga (2021), outra característica do assédio moral é sua

manifestação sutil, muitas vezes escapando ao reconhecimento imediato das vítimas. As consequências desse tipo de violência só se revelam quando já estão profundamente enraizadas, podendo tornar-se irreversíveis ao longo do tempo. Embora sua natureza seja sutil e imperceptível, as ramificações podem ser devastadoras, não apenas afetando o indivíduo alvo, mas também reverberando nas vidas daqueles que o cercam, podendo perdurar indefinidamente.

Acerca dos impactos na esfera social, o assédio moral é capaz de causar danos generalizados, como custos médicos e previdenciários, aposentadorias precoces, desestruturação familiar das vítimas, aumento do suicídio e sobrecarga do sistema judiciário, afetando toda a comunidade e elevando os custos sociais e econômicos. Visto isso, quando indivíduos são massacrados pela prática de assédio, os preços são pagos por todos em uma sociedade (Freitas, 2007).

Nesse sentido, Kanan, Pereira e Lombardi (2020) também ressaltam que os impactos causados pelo assédio moral se estendem para além da vítima, afetando também sua família, vida social, saúde e até mesmo a sociedade, a economia e a saúde como um todo. Essa visão amplia a compreensão das consequências imediatas e a longo prazo do assédio moral, destacando não apenas seus efeitos individuais, mas também sua influência na dinâmica social e econômica mais ampla.

Ao destacar a universalidade do conceito e a distinção entre assédio moral e estresse, Silva e Oliveira (2020) sublinham o caráter intencional do assédio em destruir psicologicamente a vítima, em que a presença da vítima, do agressor e do espectador se configuram como um ciclo de violência complexo e multifacetado. Soboll (2008) ainda destaca que a omissão e o isolamento dos colegas que presenciam esse fenômeno se configuram como formas silenciosas de participação na violência.

Quanto ao agressor, Tonial (2021) sugere que o agressor frequentemente adota posturas autoritárias para manter ou alcançar poder, buscando satisfação ao humilhar os outros para demonstrar seu domínio. Complementar a isso, Hirigoyen (2019) enfatiza que é ilusório esperar remorso ou arrependimento genuíno de um agressor verdadeiramente perverso, pois para eles, o sofrimento alheio é completamente irrelevante. Nesses casos, se houver algum sinal de arrependimento, geralmente provém do círculo social ao redor do agressor, daqueles que foram testemunhas passivas ou mesmo cúmplices da situação.

Em síntese, o assédio moral é um fenômeno socialmente arraigado e multifacetado, amplamente estudado por diversos autores ao longo do tempo. Sua presença, muitas vezes disfarçada, estende-se por diversas esferas da vida, onde suas ramificações são profundas

e destrutivas. Enfrentar o assédio moral requer conscientização, denúncia e medidas efetivas para interromper esse ciclo de violência e proteger a saúde e bem-estar dos indivíduos. Considerando a amplitude e a gravidade do assédio moral em diversos contextos sociais, torna-se imperativo examinar suas implicações dentro do ambiente acadêmico e neste sentido, a próxima seção abordará sobre os desafios enfrentados pelos estudantes universitários e as consequências desse fenômeno no contexto educacional superior.

2.2 As implicações do assédio moral no contexto acadêmico: a realidade de estudantes universitários

Ao longo da vida, a jornada no ensino superior é vista como um vasto campo de oportunidades para o desenvolvimento pessoal, funcionando como um período crucial na formação da identidade dos jovens adultos (Teixeira e Costa 2017). Dessa forma, a entrada na universidade é um marco significativo para os jovens, não apenas porque pode representar a concretização do curso desejado, mas também frequentemente simboliza uma maior independência em relação à família. No entanto, por outro lado, este período também pode ser repleto de desafios e obstáculos que requerem atenção e precaução. As dificuldades enfrentadas muitas vezes derivam das mudanças vivenciadas durante esse processo, demandando dos estudantes a habilidade de adaptação a essas novas circunstâncias, como observado por Oikawa e Garcia (2021).

A decisão sobre o curso de graduação é permeada por dúvidas, pressões e anseios, tornando-se uma tarefa desafiadora, visto que implica na escolha de uma carreira futura, podendo trazer muitas incertezas acerca do curso escolhido, o que repercute na motivação acerca das atividades acadêmicas e influencia no desempenho acadêmico. Tais dificuldades podem levar os estudantes a questionarem suas habilidades e competências, iniciando uma busca incessante por se adaptar aos padrões do ambiente universitário (Oikawa e Garcia 2021). Ademais, Nunes e Torga (2021) atestam que em um ambiente caracterizado por pressões internas e externas constantes, cobranças intensas, questionamentos sobre competência e uma busca incessante pela produtividade, a ocorrência do assédio moral potencializa os efeitos negativos para os indivíduos envolvidos.

O assédio moral praticado contra estudantes é uma realidade presente nas universidades, contudo os estudos em torno desta problemática ainda se mostram incipientes, bem como as medidas de prevenção contra esse tipo de violência praticada

contra o público estudantil. Tal fato revela a importância de se estudar o fenômeno do assédio moral com este público, buscando compreender de que modo o ambiente universitário e a relação com os professores podem se tornar nociva ao desempenho dos alunos e, sobretudo a sua saúde mental (Raminelli, 2022).

Convém salientar que as universidades têm um papel que vai além da simples formação de indivíduos e da geração de conhecimento científico, incluindo a responsabilidade social de serem referência tanto regional quanto global na promoção da saúde e na criação de modelos de desenvolvimento humano e comunitário saudáveis (Gouveia, 2020).

Face a essas questões, o desenvolvimento de pesquisas acerca do assédio moral no contexto da realidade acadêmica tem se mostrado uma importante via de reflexão acerca dos impactos nocivos que este fenômeno provoca na saúde mental dos estudantes. Em razão disso, a próxima seção discorrerá acerca das consequências do assédio moral na saúde psíquica dos estudantes universitários, evidenciando como este fenômeno pode se tornar destrutivo e avassalador no contexto psicossocial discente.

2.3 Consequências do assédio moral na saúde psíquica de estudantes universitários

Apesar do assédio moral comumente ser tratado como uma questão individual, suas consequências são amplas, graves e complexas, onde não só o indivíduo vítima é atingido, como todo seu entorno sofre as consequências (Freitas, 2007). Trata-se de um fenômeno que atinge a esfera individual, organizacional e social, cujos impactos e prejuízos vão muito além do abalo à saúde psíquica da vítima. Do ponto de vista individual, o assédio moral provoca danos psicológicos, sociais e profissionais, afetando a saúde mental, a autoestima e a identidade das vítimas, resultando em diversos problemas de saúde, particularmente os de natureza psicossomática e levando até a pensamentos autodestrutivos e tentativas de suicídio. No tocante ao âmbito acadêmico, sabe-se que as interações entre alunos e professores desempenham um papel crucial no desempenho educacional e pessoal dos estudantes. No entanto, essas interações nem sempre são positivas, e muitas vezes podem ser marcadas por situações de assédio moral que prejudicam tanto o ambiente de aprendizado quanto o bem-estar dos envolvidos.

Num estudo sobre o assédio moral no contexto acadêmico, Raminelli (2022) estabelece quatro tipos de assédio moral representando diferentes formas de agressões. O

primeiro diz respeito ao "abuso da autoridade professoral", caracterizado pela desconsideração do trabalho do aluno, comportamento de superioridade por parte do professor e desrespeito aos horários escolares, entre outros aspectos. O segundo aborda o desrespeito às normas sociais e legais, como a falta de aplicação de medidas previstas, desrespeito aos alunos, violação do sigilo profissional, injustiças em sala de aula, corrupção e tratamento diferenciado entre alunos. No terceiro, são discutidas medidas disciplinares excessivas, que resultam em danos psicológicos para alguns alunos, como punições que afetam toda a turma quando apenas alguns indivíduos são responsáveis. Por fim, no quarto, são mencionados comportamentos e atitudes tanto de professores quanto de alunos, como inveja, má-educação, mau comportamento, fofocas e intrigas.

A esse respeito, destaca-se o fato de que muitos alunos que são assediados diariamente por algum professor, não o denunciam porque entendem que isso poderia lhes trazer algum tipo de prejuízo. Tal fato pode estimular a ocorrência do assédio moral, já que esse tipo de violência também corresponde à manipulação da vítima, na medida em que lhe é retirada a capacidade de defesa e o senso crítico, suprindo-lhe a condição de se insurgir (Júnior, 2021).

Concomitante a isso, Oikawa e Garcia (2021) argumentam que a posição de autoridade ocupada pelo docente propicia a desqualificação e a opressão dos estudantes. Essa hierarquia se apoia no poder conferido aos professores pela instituição universitária, especialmente devido à valorização da pesquisa, que coloca a universidade em um pedestal como centro de conhecimento, e que embora a pesquisa seja fundamental para enriquecer o ensino, a transmissão do conhecimento é prejudicada pela burocracia, normas rígidas, disputas pelo poder e pela definição do "saber legítimo", que se infiltram nas relações da comunidade universitária, o que acaba por minar o vínculo afetivo entre professor e aluno, interferindo negativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Acerca dos desafios enfrentados pelos estudantes no âmbito acadêmico, Ramón *et al.* (2019) destacam que os estudantes enfrentam diversas formas de constrangimento, que vão desde abusos verbais e físicos até ameaças e exclusão social, entre outros comportamentos prejudiciais, atitudes essas que, frequentemente, são evidenciadas durante atividades como trabalhos em grupo, discussões de casos e acesso a materiais, entre outras atividades.

O fato é que no contexto acadêmico, o assédio pode adquirir uma forma mais sutil e dissimulada, caracterizada por isolamento e subestimação da vítima, de modo que se torna fundamental identificar os locais e momentos onde esses ataques ocorrem na

instituição e intervir precocemente, a fim de prevenir a manifestação desse tipo de violência.

Em face dessas questões, entende-se que investigar o assédio moral no ambiente acadêmico é tarefa essencial para entender sua extensão, causas e impactos, permitindo a implementação de medidas preventivas mais assertivas. Ademais, dar voz aos discentes é fundamental para romper o ciclo de silêncio e impunidade comumente associados ao assédio moral. Visando um melhor detalhamento da condução metodológica deste estudo, a seção seguinte propõe a caracterização deste estudo, bem como a descrição *pari passu* de cada fase de sua metodologia.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa adota uma abordagem quantitativa, descritiva e transversal não probabilística por conveniência, considerando os indivíduos que voluntariamente colaboraram com o estudo (Silveira & Córdova, 2009). Com foco descritivo, visa investigar características de um grupo, bem como levantar opiniões, atitudes e crenças da população, além de identificar possíveis associações entre variáveis (Gil, 2002).

A pesquisa quantitativa é aquela em que o método dedutivo é predominante pois as ideias podem ser reduzidas a variáveis, facilitando a análise de relações através da observação, medição e interpretação da realidade objetiva. Isso permite a análise das causas e suas influências nos resultados por meio de formulação de hipóteses, coleta de dados e análises estatísticas (Creswell, 2008).

Ademais teve delineamento transversal pois a aplicação do instrumento ocorreu em um único momento. Este delineamento é especialmente útil para investigar a prevalência de um fenômeno em uma população definida, seja ele considerado a causa, a consequência, ou ambos (Zangirolami-Raimundo; Echeimberg; Leone, 2018).

3.2 Universo/amostra

O universo da pesquisa consiste nos estudantes dos sete cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba. Este público é composto por um total de 171 estudantes do curso de Ciências Biológicas no período integral e 272 no período noturno, 341 estudantes de bacharelado em Educação Física e 317 de licenciatura, 282 estudantes no curso de Enfermagem, 385 estudantes no curso de Farmácia, 301 estudantes no curso de Fisioterapia, 222 estudantes no curso de Odontologia, e 340 estudantes no curso de Psicologia, totalizando 2.631 estudantes. Deste universo, participaram da pesquisa 323 discentes matriculados nos referidos cursos.

3.3 Instrumento de pesquisa

Quanto aos instrumentos de pesquisa foi utilizado um questionário sociodemográfico contendo 19 questões voltadas para o levantamento de informações

biográficas (sexo, idade, estado civil) a fim de caracterizar a amostra. Além do Questionário sobre Maltrato Psicológico com Estudantes de Graduação (Gonçalves, 2016), composto por 36 questões dispostas numa escala *Likert* de seis pontos, entre zero e cinco, que varia de “nunca” a “uma ou mais vezes ao dia”. Suas questões permitiram conhecer as vivências de assédio moral dos estudantes do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba.

3.4 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários estruturados através do preenchimento de formulário *online* por meio da plataforma do *Google Forms*, o qual foi encaminhado por *e-mail* e para os grupos de *Whatsapp* dos diretores dos centros acadêmicos dos cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UEPB, bem como para os grupos de *WhatsApp* de alunos que se dispuseram a encaminhar o formulário para os colegas de curso. Foram realizadas visitas nas salas de aula dos departamentos e feita divulgação da pesquisa através de cartazes e panfletos individuais com *QR Codes* entregues aos alunos e afixados nos quadros de avisos de cada curso. A divulgação da pesquisa ocorreu através do envio do *link* de acesso ao formulário no *direct* do *Instagram* no perfil de alguns estudantes que se dispuseram a contribuir com a divulgação do estudo. Os estudantes que manifestarem interesse em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. O estudo contou com uma amostragem aleatória não probabilística, pois os participantes foram selecionados com base em sua disponibilidade e disposição para participar da pesquisa.

3.5 Procedimento de análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos a uma análise estatística descritiva, incluindo cálculos de média, desvio padrão e frequência. Para examinar as relações entre as variáveis, empregou-se uma análise de correlação de *Spearman*, especialmente adequada para dados não paramétricos e ordinais. Além disso, a consistência interna dos itens foi avaliada por meio do coeficiente *Alfa de Cronbach*, mediante uso do programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS). A escolha dos testes foi precedida por uma análise da distribuição de normalidade, e o nível de significância adotado para as decisões estatísticas foi estabelecido em 5%.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Caracterização da amostra

A amostra dessa pesquisa foi composta por 323 discentes, sendo 64,7% (209 participantes) do sexo feminino e 35,3% do sexo masculino (114 participantes). Em relação à idade 47,1% está entre 21 e 25 anos, 44,9% entre 16 e 20 anos, e 8% acima de 25 anos. Quanto à etnia, 53,9% declararam-se brancos, 35% se auto definem como pardos, 10,5% se auto declaram negros, e apenas 0,6% se auto denominam indígenas. Quanto ao estado civil, 93,8% são solteiros, 2,2% são casados e apenas 0,6% são separados ou divorciados, além disso, a maioria (98,1%) não possui filhos. Acerca do percentual de participação dos estudantes por curso, observou-se o curso com maior participação no estudo foi Educação Física, 19,8%, seguido de Psicologia, 14,9%, estando os demais cursos com percentuais abaixo desse último, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica

Variáveis	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Gênero			
Feminino	209	64,7	35,3
Masculino	114	35,3	100,0
Total	323	100	
Idade			
Entre 16 e 20 anos	145	44,9	44,9
Entre 21 e 25 anos	152	47,1	92,0
Acima de 25 anos	26	8,0	100,0
Total	323	100,0	
Etnia			
Branca	174	53,9	53,9
Negra	34	10,5	64,4
Parda	113	35,0	99,4
Indígena	2	0,6	100,0
Total	323	100,0	

Estado civil			
Solteiro(a)	303	93,8	93,8
Casado(a)	7	2,2	96,0
União estável	4	1,2	97,2
Vive com companheiro(a)	7	2,2	99,4
Separado(a) ou divorciado(a)	2	0,6	100,0
Total	323	100,0	
Tem filhos?			
Sim	6	1,9	98,1
Não	317	98,1	100,0
Total	323	100,0	
Você trabalha?			
Sim	69	21,4	78,6
Não	254	78,6	100,0
Total	323	100,0	
Qual curso você está fazendo?			
Ciências Biológicas	41	12,7	12,7
Educação Física	64	19,8	32,5
Enfermagem	46	14,2	46,7
Farmácia	42	13,0	59,8
Fisioterapia	41	12,7	72,4
Odontologia	41	12,7	85,1
Psicologia	48	14,9	100,0
Total	323	100,0	
Qual semestre você está cursando?			
1	38	11,8	11,8
2	43	13,3	25,1
3	40	12,4	37,5
4	24	7,4	44,9
5	30	9,3	54,2
6	31	9,6	63,8
7	37	11,5	75,2
8	41	12,7	87,9
9	22	6,8	94,7
10	17	5,3	100,0

Total	323	100,0	
Participa de atividades de ensino, pesquisa, extensão, estágio ou monitoria?			
Sim, como voluntário	97	30,0	44,3
Sim, como bolsista remunerado	83	25,7	74,3
Não	143	44,3	100,0
Total	323	100,0	
Reprovou em alguma disciplina?			
Sim	56	17,3	82,7
Não	267	82,7	100,0
Total	323	100,0	
Em algum momento você desejou abandonar o curso?			
Sim	150	46,4	53,6
Não	173	53,6	100,0
Total	323	100,0	
Como você avalia o seu relacionamento com a maioria dos colegas?			
Ruim	3	0,9	0,9
Regular	33	10,2	11,1
Bom	182	56,4	67,5
Ótimo	105	32,5	100,0
Total	323	100,0	
Como você avalia o seu relacionamento com a maioria dos professores?			
Ruim	2	0,6	0,6
Regular	63	19,5	20,1
Bom	188	58,2	78,3
Ótimo	70	21,7	100,0
Total	323	100,0	

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Ao analisar os dados coletados neste estudo, tornou-se evidente uma maior

participação por parte dos cursos de Educação Física e Psicologia em comparação com os demais cursos. A diferença na quantidade de pesquisados por curso pode refletir o receio ou mesmo desinteresse dos pesquisados em abordarem esta temática, o que só poderá ficar mais evidente através de uma coleta de dados de cunho mais qualitativo, onde será possível explorar melhor o que pensam os referidos estudantes acerca dessa temática.

Em relação ao número de reprovação, 56 estudantes (17,3%) revelaram já terem sido reprovados em alguma disciplina e no que se refere ao desejo de abandonar o curso em algum momento da graduação 46,4% afirmaram que “sim” enquanto que 53,6% nunca pensaram em abandonar o seu curso.

A esse respeito convém salientar que existem múltiplos motivos que podem conduzir os discentes a ponderarem acerca da possibilidade de abandonar o curso, dentre eles estão: questões de identificação, falta de perspectiva, sobrecarga, insegurança, dificuldades financeiras, dupla jornada, conflitos interpessoais com colegas e professores, e também a existência de assédio moral. O ensino superior expõe os estudantes a uma diversidade de novas situações, indivíduos, contextos e exigências, fazendo com que eles se deparem com desafios e responsabilidades que demandam a mobilização de competências já adquiridas ou em vias de desenvolvimento. Essas vivências podem resultar em entraves relativos ao seu bem-estar, desempenho e progresso psicossocial. Dessa forma, a adaptação dos estudantes ao ensino superior está intrinsecamente relacionada com a maneira como eles reagem aos desafios da vida acadêmica. As condições dos espaços físicos, assim como as oportunidades acadêmicas e sociais para interação, desempenham um papel significativo na avaliação do ambiente acadêmico. Essa avaliação pode resultar em sentimentos de desajuste e desilusão por parte dos estudantes, levando-os a considerar a possibilidade de abandonar o ensino superior (Casanova, 2018).

Os dados da tabela 1 também revelam que cerca de 44,3% dos estudantes não participam de atividades de pesquisa, extensão, estágio ou monitoria, 25,7% estão engajados nessas atividades como bolsistas remunerados e 30% como voluntários. O fato de quase metade dos pesquisados não estarem engajados em projetos de pesquisa e extensão pode estar associado à pouca importância que os pesquisados atribuem a esse tipo de atividade para a vida acadêmica e conseqüentemente para a formação profissional. Outra razão pode ser a necessidade de trabalhar em tempo integral ou outros compromissos que limitam a capacidade dos estudantes de se envolverem em atividades acadêmicas extracurriculares. Além disso, a falta de interesse ou motivação pessoal pode ser um fator determinante. Alguns estudantes simplesmente podem não sentir a necessidade de se

envolver em atividades acadêmicas adicionais, possivelmente devido a diferentes prioridades ou objetivos de vida. A sobrecarga de estudos também pode ser uma barreira significativa, de modo que os estudantes que se sentem sobrecarregados optam por destinar seu tempo ou energia para se dedicar exclusivamente ao cumprimento das atividades acadêmicas.

Com relação a isso, Severo *et al.* (2020) enfatizam a importância de atividades acadêmicas para a satisfação dos estudantes e sua permanência na universidade, destacando que projetos de pesquisa, aulas de qualidade e eventos bem desenvolvidos têm o potencial de contribuir para a permanência dos estudantes, não apenas por meio da distribuição de bolsas de auxílio financeiro, mas também ao promover um maior envolvimento com a cultura universitária. Essas atividades proporcionam engajamento e desenvolvimento didático de forma simultânea e cumulativa, tornando-as essenciais para o sucesso acadêmico. Além disso, o envolvimento em pesquisa, extensão, eventos acadêmicos e atividades dinâmicas desempenham um papel fundamental na capacitação profissional dos estudantes, atuando como estímulos que promovem o desenvolvimento da curiosidade e do pensamento crítico.

Em relação à avaliação do relacionamento com os colegas, 32,5% dos participantes consideraram o relacionamento como ótimo, 56,4% como bom, 10,2% como regular e 0,9% como ruim. Considerando os resultados encontrados, é possível observar que de um modo geral os participantes das pesquisas consideram existir um bom relacionamento pessoal entre os pares. Quanto à avaliação do relacionamento com os professores, 21,7% dos participantes consideraram o relacionamento como ótimo, 58,2% como bom, 19,5% como regular e 0,6% como ruim. Os dados demonstram que a maioria dos participantes tem uma percepção positiva tanto das interações com colegas quanto com professores. No entanto, é interessante notar que a porcentagem de avaliações ótimas é maior no relacionamento entre os colegas do que no relacionamento com os professores, o que pode indicar uma dinâmica mais amigável entre os pares. Por outro lado, a porcentagem de avaliações boas e regulares é ligeiramente mais alta no relacionamento com os professores.

A esse respeito convém destacar o pensamento de Bardagi e Hutz (2012), reforçando a ideia de que a satisfação acadêmica dos alunos está amplamente relacionada à dimensão relacional, a qual engloba tanto as interações com colegas quanto com professores. Destaca-se que a relação com o professor, em particular, desempenha um papel fundamental, de modo que os aspectos emocionais da relação entre professor e aluno atuam como mediadores para o êxito no processo de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar

que a maioria dos instrumentos utilizados para avaliar a satisfação, adaptação e experiências acadêmicas inclui a análise da presença de conflitos e da qualidade das relações estabelecidas no ambiente universitário.

4.2 Análise descritiva do Questionário sobre Maltrato Psicológico com Estudantes de Graduação

O instrumento de coleta de dados foi adaptado para ser aplicado em estudantes por Gonçalves (2016) a partir do Questionário Sobre Maltrato Psicológico no Trabalho (HPT-R) desenvolvido originalmente em espanhol por Fornés *et al.* (2008) e adaptado para a língua portuguesa por Cardoso dos Santos (2012). O instrumento de coleta de dados é composto por 36 itens que buscam medir a frequência de situações de vivência do assédio moral. As respostas foram dadas por meio de uma escala do tipo *Likert* que varia de zero (nunca sofreu assédio moral), um (sofreu assédio ao menos uma vez ao mês), dois (mais de uma vez ao mês), três (ao menos uma vez por semana), quatro (várias vezes por semana), a cinco (sofreu assédio moral uma ou mais vezes ao dia). A seguir, apresentamos a média, os percentuais, o desvio padrão e α de *Cronbach* de cada item para compreender a frequência e a extensão de comportamentos de maltrato psicológico no ambiente acadêmico dos participantes desta pesquisa.

Tabela 2 - Estatística descritiva dos itens do Questionário sobre Maltrato Psicológico na Graduação

Variáveis	%	Média	Desvio Padrão	α de Cronbach
1) Ser exposto(a) a críticas por parte dos colegas.	8,4	0,76	1,063	0,949
2) Ser exposto(a) a críticas por parte dos professores.	8,7	0,70	1,069	0,949
3) Receber críticas diretas sobre a forma como realiza o seu curso de graduação.	8,1	0,72	1,124	0,949

4) Sofrer pressão ou sentir que o professor exerce um controle sobre suas ações de modo diferenciado entre você e seus colegas.	12,4	0,82	1,303	0,949
5) Receber informações contraditórias.	14,6	1,17	1,257	0,949
6) Não receber informações que os demais colegas do grupo receberam, como: troca de horários, e-mails, convite para reuniões, datas de provas, etc.	6,8	0,53	1,043	0,948
7) Evitar ou impedir que você se comunique normalmente com os outros colegas do grupo.	4,3	0,28	0,846	0,949
8) Designar-lhe tarefas inferiores à sua qualificação acadêmica.	1,5	0,22	0,583	0,949
9) Receber ameaças sem justificativa, verbais ou escritas.	0,6	0,10	0,449	0,949
10) Deixar de designar-lhe procedimentos de maior complexidade.	1,5	0,26	0,666	0,949
11) Observar expressões negativas ou de dúvidas sobre sua responsabilidade, a sua dedicação aos estudos ou capacidade de tomar decisões em relação as pessoas sob seus cuidados (seu público alvo).	6,2	0,66	1,067	0,948
12) Observar expressões verbais referente a seu equilíbrio psicológico	4,4	0,49	0,989	0,948
13) Ser discriminado(a) em relação ao resto dos colegas (tratamento, distribuição de tarefas).	3,0	0,32	0,846	0,948
14) Designar-lhe atividades acadêmicas desnecessários ou sem motivos que os justifique.	1,8	0,32	0,731	0,949
15) Ser excluído(a) das atividades desenvolvidas em grupo.	3,0	0,33	0,802	0,948

16) Não ser convidado(a) para eventos acadêmicos, reuniões, festas de turma.	4,3	0,42	0,963	0,949
17) Ser acusado(a) de apresentar dificuldade de relacionamento com colegas, professores, equipe, público alvo do seu curso.	2,1	0,27	0,731	0,948
18) Ser acusado(a) injustamente de cometer erros.	3,0	0,35	0,837	0,948
19) Não lhe dar a possibilidade de expressar críticas e opiniões ou ser interrompido quando você está falando.	10,6	0,77	1,217	0,947
20) Ser questionado(a) provocando sua exposição.	6,2	0,52	0,969	0,947
21) Comentários maliciosos, ridicularização, zombarias, gestos pejorativos a seu respeito.	3,9	0,43	0,900	0,948
22) Utilização de apelidos ou expressões verbais de desprezo contra você.	3,7	0,28	0,812	0,948
23) Não receber respostas de suas perguntas verbais ou escritas.	7,1	0,56	1,077	0,948
24) Recusar suas propostas, antes de avaliá-las.	4,3	0,35	0,894	0,948
25) Ser excluído(a) de atividades que tenham possíveis influências ou repercussões em sua formação acadêmica.	4,3	0,37	0,900	0,948
26) Ser responsabilizado(a) por erros cometidos pelos outros.	2,4	0,34	0,756	0,948
27) Observar imitação dos seus gestos, palavras ou comportamentos, em tom de desprezo ou zombaria.	2,7	0,28	0,796	0,948
28) Receber olhares de desprezo.	9,6	0,69	1,214	0,947
29) Não ser cumprimentado(a).	12,7	0,91	1,321	0,948
30) Ser ridicularizado(a) publicamente.	2,7	0,26	0,755	0,948

31) Ser ignorado(a) em questões ou decisões relacionadas à sua área de formação acadêmica.	3,7	0,35	0,834	0,947
32) Desatenção por parte dos seus professores ou coordenadores de curso à suas queixas de assédio moral.	5,2	0,37	0,941	0,949
33) De forma geral, vivencio situações de maltrato psicológico no ambiente acadêmico.	6,5	0,61	1,050	0,948
34- No seu ambiente de formação acadêmica, você vivenciou algum dos atos anteriores durante pelo menos 6 meses e no mínimo uma vez por semana?				
Sim	30,7			
Não	69,3	0,31	0,462	0,949
35- Você presenciou o acontecimento de algum dos atos anteriores, com seus colegas e demais acadêmicos?				
Sim	55,1			
Não	44,9	0,55	0,498	0,950
36- Em geral, você se sente atualmente assediado psicologicamente no seu ambiente de formação acadêmica?				
Sim	2,8			
Às vezes	31,0			
Não	66,2	0,65	0,922	0,949

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Os dados da tabela 2 fornecem os percentuais sobre as respostas dos participantes em relação a cada pergunta contida no questionário, assim como também é apresentada a média e o desvio padrão das respostas, o que permite entender a tendência central e a dispersão dos dados para cada item, respectivamente.

Observando os resultados obtidos, pode-se identificar que a maioria dos participantes escolheu as opções “nunca” e “ao menos uma vez ao mês” para descrever a frequência de cada um dos itens do formulário, enquanto as opções “ao menos uma

vez por semana”, “várias vezes por semana” e “uma ou mais vezes ao dia” apresentaram baixa frequência de respostas, indicando que a ocorrência do assédio moral entre os participantes da pesquisa não se apresenta com evidência entre os pesquisados.

Dentre as questões do formulário de pesquisa, observa-se que o item 5 obteve maior frequência, 14,6%, evidenciando que esse percentual de estudantes relata ter recebido informações contraditórias no mínimo uma vez por semana e até uma ou mais vezes ao dia, destacando que dentre os pesquisados parece haver um certo sentimento de insegurança em relação às informações recebidas em seu contexto acadêmico. Tal ocorrência pode prejudicar a qualidade da experiência acadêmica, já que a falta de clareza e consistência nas informações redundam em dificuldades no processo de formação dos estudantes. A esse respeito, conforme aponta Gonçalves (2016), ter a comunicação comprometida pode ter efeitos negativos no desempenho dos estudantes, com tendência a gerar insatisfação, isolamento e tristeza, enquanto favorece um grupo específico.

Em segundo lugar, observa-se o item 29, indicando que 12,7% dos participantes afirmam não serem cumprimentados em seu ambiente acadêmico, o que pode sugerir a existência de problemas relacionados à interação social. Nesse contexto, Gonçalves (2016) salienta que o ato de ignorar a presença de alguém ou impedir sua manifestação pode resultar em isolamento, devido às barreiras comunicativas que se estabelecem.

Adicionalmente, o item 4 revela que 12,4% dos estudantes dizem que sofrem pressão e já sentiram professores exercerem controle de forma diferenciada entre eles e seus colegas no mínimo uma vez por semana e até uma ou mais vezes ao dia. Tal questão levanta preocupações sobre a igualdade e imparcialidade no ambiente acadêmico. Convém destacar que os professores desempenham um papel crucial na criação de um ambiente de ensino justo e igualitário. Conforme Santos (2001), é fundamental que os professores entendam os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos e sejam sensíveis às diferenças existentes entre eles, respeitando sempre as suas individualidades. Isso implica não apenas no reconhecimento das preferências de aprendizado dos estudantes, mas também na compreensão de como o processo de aprendizagem está interligado com outras áreas, como motivação, objetivos dos alunos, desenvolvimento intelectual, integração social e acadêmica, condição socioeconômica e perspectivas disciplinares.

Todas as questões anteriormente destacadas evidenciam desafios que os estudantes enfrentam em seu ambiente de formação acadêmica. Além das questões anteriormente analisadas, também observou-se que situações como “Não lhe dar a possibilidade de expressar críticas e opiniões ou ser interrompido quando você está falando”, “receber

olhares de desprezo” e “ser exposto(a) a críticas por parte dos professores” aparecem dentre aquelas com maior frequência, indicando que para uma parcela dos pesquisados esses tipos de ocorrências são vivenciados em seu contexto acadêmico. Identificar e abordar esses problemas é essencial para criar um ambiente acadêmico mais seguro, inclusivo e propício ao sucesso.

As questões 34 e 35 apresentadas na tabela 2 evidenciam as respostas dos participantes em relação a duas perguntas que abordavam acerca da experiência deles no ambiente de formação acadêmica, especificamente em relação a atos considerados problemáticos e prejudiciais para a convivência nesse contexto. A questão 34 objetivava verificar se os participantes vivenciaram algum dos atos citados nas perguntas anteriores durante pelo menos seis meses e no mínimo uma vez por semana, e conforme respostas obtidas verificou-se que a maioria dos pesquisados, 69,3%, relatou não ter vivenciado esses atos específicos no ambiente de formação acadêmica nas condições descritas na pergunta. No entanto, aproximadamente um terço dos participantes, o que equivale a 30,7% da amostra respondeu positivamente, afirmando que já vivenciaram algumas daquelas ocorrências em seu contexto acadêmico. Apesar da maioria dos pesquisados considerar que não existe a presença de situações que configurem a existência do assédio moral em seu ambiente acadêmico, é necessário salientar que existe um percentual de estudantes que considera enfrentar esse tipo de ocorrência em sua vida acadêmica. Segundo Soares (2016), situações sociais desafiadoras podem provocar alterações nas dinâmicas de convivência e aceitação entre indivíduos, resultando em impactos interpessoais que tornam a comunicação e o diálogo mais difíceis. Além disso, este autor destaca a importância de implementar estratégias que facilitem a adaptação e enfrentamento dessas novas situações, auxiliando os estudantes no desenvolvimento do autoconhecimento e na habilidade de lidar com situações difíceis.

Para aqueles que responderam “sim” na questão 34 do questionário sobre maltrato psicológico, em que aborda experiências específicas vivenciadas pelos estudantes em seus ambientes de formação acadêmica durante pelo menos seis meses e no mínimo uma vez por semana, os participantes eram levados no questionário a anotarem o(s) número(s) da(s) questão(ões) correspondentes ao que foi vivenciado durante esse período. Os resultados da análise mostram que os atos mais frequentemente vivenciados pelos estudantes foi a questão 1, "ser exposto a críticas por parte dos colegas", seguido pela questão 5, "receber informações contraditórias", e pela questão 2, "ser exposto a críticas por parte dos professores". Essas experiências podem ter um impacto significativo no bem-estar

emocional e na qualidade do ambiente de aprendizado dos estudantes. Além disso, outros atos relatados com maior incidência incluem receber críticas diretas sobre o desempenho acadêmico, sentir pressão percebida por parte dos professores e ser acusado injustamente de cometer erros. Esses resultados destacam a importância de criar um ambiente acadêmico que promova o respeito mútuo, a comunicação clara e o apoio emocional aos estudantes. Essas medidas são essenciais para garantir um ambiente de aprendizado saudável e produtivo para todos os envolvidos.

Em relação a questão 35, os dados apresentam a resposta de estudantes a pergunta sobre ter presenciado determinados atos de maltrato psicológico entre colegas e outros acadêmicos. O conjunto de dados indica que aproximadamente 55,1% responderam afirmativamente, ou seja, afirmaram ter presenciado algum dos atos descritos no formulário contrastando com 44,9% que afirmou não ter presenciado tais atos. Esses números revelam uma proporção significativa de estudantes que testemunharam comportamentos de maus tratos psicológico em seu ambiente acadêmico. Esse dado é considerado preocupante, pois sugere a existência de um ambiente onde tais comportamentos parecem ser frequentes. Tal realidade pode implicar em impacto negativo para a saúde mental e o bem estar desses estudantes, o que pode afetar negativamente sua saúde mental e seu desempenho acadêmico. Segundo Freitas e Pino (2023), as atitudes agressivas, comportamentos intimidadores e cruéis, intencionais e repetitivos que ocorrem no contexto acadêmico têm o potencial de impactar negativamente no desempenho dos estudantes. Além disso, tais comportamentos podem levar a um desgaste emocional excessivo, uma intensificação das emoções e até mesmo resultar em desestruturação psicológica.

A questão 36 do questionário visa capturar a percepção dos estudantes em relação a possibilidade de se sentirem assediados psicologicamente no seu ambiente de formação acadêmica. Os resultados indicam que a maioria dos respondentes, 66,2%, relatou não se sentir assediado psicologicamente em seu ambiente de formação acadêmica, o que indica que para a maioria dos pesquisados esse tipo de violência não faz parte de sua vida acadêmica. Tal resultado pode ser encarado positivamente se levado em consideração apenas o aspecto estatístico, no entanto quando se observa que 31% considerou sentir-se assediado “às vezes”, tal fato torna-se preocupante pois revela que, embora em menor proporção, a ocorrência do assédio moral é observada na realidade acadêmica dos pesquisados. Importante destacar que 2,8% da amostra afirma sentir-se atualmente assediado psicologicamente, evidenciando que, embora em pequena proporção, o assédio moral se mostra presente no contexto acadêmico dos estudantes pesquisados.

Esses resultados se mostram relevantes na medida em que evidenciam que para parte dos estudantes pesquisados, o assédio moral se apresenta como uma realidade vivida em seu ambiente acadêmico e conforme argumentado anteriormente a vivência desse tipo de violência traz prejuízos severos para a saúde mental dos pesquisados. Em conjunto, esses dados apontam para a importância de abordar a questão do assédio moral no ambiente acadêmico dos pesquisados, pois tais resultados oferecem à comunidade acadêmica, e, sobretudo às autoridades institucionais, a oportunidade de compreender a realidade psicossocial de seus estudantes e com isso pensar coletivamente em estratégias de combate ao assédio moral e formas de acolhimento e apoio aos estudantes que de algum modo vivenciam esse tipo de violência em seu cotidiano acadêmico, evidenciando assim a preocupação com o bem-estar e a saúde mental dos estudantes. Nesse sentido, convém destacar o argumento de Silva (2012, apud Soares *et al.*, 2016), que defende a ideia de que o bem-estar do aluno não apenas pode servir como um indicador da saúde mental do estudante, mas também é de importância crítica para o seu desenvolvimento pessoal, progresso na aprendizagem, níveis de satisfação e conquista de sucesso acadêmico.

4.3 Testes de correlação

Para mensurar a correlação dos itens mais pertinentes à essa pesquisa, foi utilizada a análise de correlação de *Spearman*, uma técnica estatística robusta especialmente adequada para dados que não seguem distribuições normais, como é o caso desta pesquisa. Além disso, para avaliar a confiabilidade dos itens do Questionário sobre Maltrato Psicológico na Graduação, adotou-se o coeficiente *Alfa de Cronbach* como parâmetro. A consistência interna, que varia de 0 a 1, pode ser interpretada da seguinte forma: valores entre 0 e 0,21 são considerados pequenos, entre 0,21 e 0,40 são razoáveis, entre 0,41 e 0,60 são moderados, entre 0,61 e 0,80 são substanciais e entre 0,81 e 1,0 são quase perfeitos (Landis e Koch, 1977). Essa abordagem fornece uma estrutura clara para avaliar a consistência interna das questões, garantindo a confiabilidade do instrumento de pesquisa. A presente amostra demonstrou um coeficiente de *Alfa de Cronbach* de 0,95 (variando de 0,947 a 0,950), representando um alto nível de confiabilidade e consistência interna das respostas entre as 36 questões do Questionário Sobre Maltrato Psicológico na Graduação.

Quanto à correlação existente entre a avaliação do relacionamento com colegas e professores, os resultados do teste de *Spearman* indica que o coeficiente de correlação entre as variáveis é de 0,452, uma correlação moderada e positiva. O valor p associado a essa

correlação é menor que 0,05 ($p = 0,000$), o que indica que a correlação é estatisticamente significativa, isso significa que há uma correlação positiva moderada (0,452) entre o relacionamento com colegas e o relacionamento com professores. A correlação significativa a um nível de significância de 0,01 (bicaudal) indica uma forte associação entre as duas variáveis analisadas. Tal resultado evidencia que há uma relação estatisticamente significativa e consistente entre a percepção dos estudantes sobre o relacionamento com seus colegas e professores. Em outras palavras, há uma tendência de que um bom relacionamento com os colegas esteja associado a um bom relacionamento com os professores, e um mau relacionamento com os colegas esteja associado a um mau relacionamento com os professores. Essa descoberta ressalta a importância de considerar a dinâmica interpessoal tanto entre os colegas quanto com os professores no contexto acadêmico. No tocante a isso, Reyes Junior *et al.* (2018) destacam que os laços estabelecidos com colegas desempenham um papel fundamental na adaptação do estudante ao ambiente universitário, em que a capacidade de estabelecer novas relações de amizade, juntamente com a forma como os acadêmicos lidam com o curso e respondem às demandas acadêmicas, influencia diretamente o nível de estresse e ansiedade enfrentado. Além disso, o vínculo entre professor e aluno tem um impacto significativo na interação em sala de aula e no processo de aprendizagem do estudante. Dessa forma, fica evidente o quanto as relações sociais desenvolvidas na universidade são consideradas essenciais para a adaptação, experiência e desempenho acadêmico dos estudantes.

Acerca da correlação entre a questão 17 do questionário sociodemográfico, que corresponde à avaliação do relacionamento com a maioria dos professores, e a questão 34 do questionário sobre maltrato psicológico, que corresponde a possibilidade de vivência de algum ato de maltrato psicológico, o coeficiente de correlação de *Spearman* foi de -0,204. O valor p associado a essa correlação também é menor que 0,05 ($p = 0,000$), o que indica que a correlação é estatisticamente significativa. Além disso, o teste indica que há uma correlação negativa fraca (-0,204) entre o relacionamento com os professores e a experiência de atos de maltrato psicológico durante pelo menos 6 meses e no mínimo uma vez por semana. Este achado indica que os estudantes que avaliam negativamente o relacionamento com os professores tendem a relatar uma maior incidência de experiência de atos de maltrato, e vice-versa. Acerca disso, Baía e Machado (2021) reforçam que a qualidade da relação entre professor e aluno é crucial para o progresso acadêmico dos estudantes, pois essa interação não apenas os capacita a lidar com os desafios sociais, mas também os orienta a encontrar soluções que promovam a coesão social, enquanto

valorizam as diferenças individuais e coletivas. Embora o ambiente influencie o aprendizado dos alunos, reconhece-se o papel preponderante do professor como um catalisador no processo educacional.

Quanto ao curso matriculado e o sentir-se atualmente assediado psicologicamente no ambiente de formação acadêmica, o coeficiente de correlação de *Spearman* apontou que o valor entre essas duas variáveis é de 0,058. O valor próximo de zero indica que não há uma relação significativa entre essas duas variáveis, o que sugere que a escolha do curso, nessa amostra, não é um fator importante ou relevante para determinar se um aluno se sente assediado psicologicamente no ambiente acadêmico. Além disso, o valor *p* associado a essa correlação é 0,302, indicando que não é estatisticamente significativo. Quanto as frequências das respostas, observa-se que, no curso de Ciências Biológicas, 2 alunos (5%) relataram sentir-se assediados, 14 (35%) sentem-se assediados às vezes, e 25 (60%) não sentem assédio. Em Educação Física, nenhum aluno relatou assédio, 13 (20%) sentem-se assediados às vezes, e a maioria, 51 (80%), não sente assédio. No curso de Enfermagem, também não houve relatos de assédio, com 15 alunos (33%) sentindo-se assediados às vezes e 31 (67%) não sentindo assédio. Em Farmácia, a situação é semelhante, com nenhum aluno relatando assédio, 19 (45%) sentem-se assediados às vezes, e 23 (55%) não sentem assédio. No curso de Fisioterapia, 3 alunos (7%) afirmaram sentir assédio, 8 (20%) sentem-se assediados às vezes, e 30 (73%) não sentem assédio. Em Odontologia, 1 aluno (2%) relatou sentir-se assediado, 16 (39%) sentem-se assediados às vezes, e 24 (59%) não sentem assédio. Em Psicologia, 3 alunos (6%) afirmaram sentir-se assediados, 15 (31%) relataram sentir-se assim às vezes, e 30 (63%) não sentem assédio. Esses dados indicam que há uma variação na percepção de vivência de assédio entre os cursos, sendo mais pronunciada em Fisioterapia e Psicologia, onde a prática do assédio moral se mostra mais em evidência. Em contrapartida, nos cursos de Educação Física e Farmácia, a maioria dos alunos relatou não sentir qualquer tipo de assédio. Esses resultados sugerem a necessidade de investigar mais profundamente os fatores específicos de cada curso que podem contribuir para essas diferenças.

Por fim, também analisou-se a correlação existente entre vivenciar acontecimentos de maltrato psicológico e se sentir assediado psicologicamente no ambiente de formação acadêmica, apontando para um coeficiente positivo de 0,472 e um *p* valor de 0,000. Isso sugere que os alunos que relatam vivenciar mais frequentemente atos de maltrato psicológico também tendem a relatar se sentir mais frequentemente assediados psicologicamente. Além disso, o valor moderado a forte sugere que essa associação

não é trivial, indicando uma relação substancial. Tais experiências, de acordo com Costa e Paiva (2023), muitas vezes tendem a desencadear sentimentos como raiva, impotência e medo, podendo impactar diretamente na motivação e produtividade do indivíduo, resultando em manifestações de ansiedade, estresse, depressão, além da perda de autoestima e autoconfiança. Geralmente, as pessoas afetadas não possuem estratégias eficazes para lidar com tais situações, e em casos mais acentuados, é comum a necessidade de intervenção terapêutica e o uso de medicamentos.

Ao longo deste estudo, buscou-se explorar diversos aspectos do ambiente acadêmico e sua relação com o bem-estar dos estudantes. Através de análises estatísticas, como a correlação de *Spearman* e *Alfa de Cronbach*, pudemos identificar padrões significativos de associação entre diferentes variáveis, oferecendo informações sobre a dinâmica interpessoal e os desafios enfrentados pelos alunos participantes dessa pesquisa. As descobertas destacam a importância do relacionamento entre colegas e professores na percepção do assédio moral, bem como a complexidade das interações no ambiente acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar que os resultados pretendidos foram devidamente atingidos, de modo que foi possível identificar, através da metodologia empregada nesse estudo, que a maioria dos estudantes pesquisados (69,3%) relatou não ter vivenciado situações de assédio moral em seu ambiente acadêmico. No entanto, aproximadamente um terço (30,7%) afirmou ter vivenciado situações que sugerem a ocorrência de tal fenômeno no seu ambiente de formação acadêmica, durante pelo menos seis meses e no mínimo uma vez por semana. Dentre as questões mais frequentemente evidenciadas, destacam-se receber informações contraditórias, a impossibilidade de expressar críticas e opiniões, e a ausência de cumprimentos de forma geral, juntamente com a percepção de que os professores exercem controle de forma diferenciada entre os alunos. Esses resultados evidenciam os desafios que os estudantes pesquisados vivenciam e presenciam no ambiente acadêmico, incluindo questões de comunicação e percepções de tratamento desigual por parte de alguns docentes.

No tocante à análise de correlação estatística empregada tem-se que os resultados encontrados permitem uma melhor compreensão acerca do fenômeno estudado e suas implicações na vida acadêmica dos estudantes pesquisados. A partir das análises de correlação foi possível identificar associações positivas entre o relacionamento com colegas e professores, destacando a importância dessas relações para a experiência acadêmica dos alunos. Além disso, foi observado que um relacionamento negativo com os professores está correlacionado a uma maior incidência de relatos de maltrato psicológico entre os alunos, o que ressalta a influência significativa que os professores têm no ambiente de aprendizado e na percepção dos alunos sobre seu bem-estar emocional.

Ademais, os dados também revelaram uma variação na percepção de assédio entre os cursos, sendo mais pronunciada nos cursos de Fisioterapia e Psicologia, e menos prevalente em Educação Física e Farmácia.

Por fim, foi observada uma relação entre a vivência de acontecimentos de maltrato psicológico e se sentir assediado no ambiente de formação acadêmica, destacando a complexidade e a interconexão desses fenômenos no ambiente acadêmico.

Os resultados obtidos podem servir como base para a implementação de medidas institucionais mais efetivas voltadas para a manutenção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e respeitoso, bem como servem de base para a estruturação de futuros estudos que se proponham a ampliar a compreensão em torno do ambiente psicossocial desses

estudantes. Sua continuidade pode se concentrar em explorar ainda mais essas relações, identificar possíveis lacunas na prevenção do assédio moral e desenvolver estratégias eficazes para promover um ambiente acadêmico saudável e inclusivo para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

- BABA, Ricardo Kazuo; VAZ, Maria Salete Marcon Gomes; COSTA, Jéssica da. Correlação de dados agrometeorológicos utilizando métodos estatísticos. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 29, n. 4, p. 515-526, 2014. <https://doi.org/10.1590/0102-778620130611>
- BAIA, Samira Fakhouri; MACHADO, Lucília Regina de Souza. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 177– 193, 2021. DOI: 10.20435/inter.v22i1.2355. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2355>.
- BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: Impacto na evasão universitária. **Psico**, [S. l.], v. 43, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/7870>
- BATISTA, Janaína da Silva; SAMPAIO, Fabiana; FONSECA, Alessandro Meyer da; NOCCHI, Nelo Augusto dos Santos; DALTRO, Oscemario Forte; BIANCHI, Elyria; ECHEVERRIA, Evandro Luiz; VARGAS, Darla Martins. O ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO. **REVISTA FAIPE**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 209-223, jun. 2021.
- CARDOSO DOS SANTOS, Meiremar. **Estudio comparativo sobre el hostigamiento psicológico o mobbing en personal de enfermería de Brasil y España. Universitat de les Illes Balears**. Departament de Psicologia. Tese de doutorado, 2012. Disponível em: <http://www.tesisenred.net/handle/10803/108003>.
- CASANOVA, Joana Ribeiro. ABANDONO NO ENSINO SUPERIOR: MODELOS TEÓRICOS, EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS E MEDIDAS DE INTERVENÇÃO. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 28, n. 57, p. 05–22, 2018. DOI: 10.18675/1981-8106.vol28.n57.p05-22. DOI: 10.18675/1981-8106.vol28.n57.p05-22. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/12915>
- COELHO, Péricles. **O Assédio Moral entre alunos e professores universitários à luz dos tribunais brasileiros e da psicologia forense**. Curitiba: Juruá. 2018.
- COSTA, Silas Dias Mendes; PAIVA, Kely César Martins de. ASSÉDIO MORAL: RELATOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO: MORAL HARASSMENTE: REPORTS AND EXPERIENCES OF STUDENTS IN POST-GRADUATION PROGRAMS. **Revista Visão: Gestão Organizacional**, Caçador (SC), Brasil, v. 12, n. 1, p. 232–252, 2023. DOI: 10.33362/visao.v12i1.3100. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/visao/article/view/3100>
- CRESSWELL John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEJOURS, Christophe. A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. São Paulo: **Cortez - Oboré**, p.133-138, 1992.

FORNÉS, Joana; MARTÍNEZ-ABASCAL, María Angeles; GARCÍA DE LA BANDA, Gloria. Análisis factorial del Cuestionario de Hostigamiento Psicológico en el Trabajo en profesionales de Enfermería. **International Journal Of Clinical And Health Psychology**. 2008, vol. 8, n. 1, p.267-283. Disponível em: http://www.aepc.es/ijchp/articulos_pdf/ijchp-277.pdf.

FREITAS, Acirmarney Correia Silva; PINO, José Claudio Del. Assédio moral pedagógico como expressão do autoritarismo em sala de aula: percepções de estudantes de engenharia. **Educação, [S. l.]**, v. 48, n. 1, p. e66/1–23, 2023. DOI: 10.5902/1984644468518. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/68518>.

FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 8-19, jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/HNXHh6S9yzbZYPgP3mg6Djw/?format=pdf&lang=pt>.

FREITAS, Maria Ester de. Quem paga a conta do assédio moral no trabalho? **RAE eletrônica**, v. 6, n. 1, jun. 2007. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482007000100011>.

GALLINDO, Lídia Pereira (2009) Assédio moral nas instituições de ensino. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, 2009. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/12396>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Naiane Glaciele da Costa. **Assédio Moral entre estudantes de graduação em enfermagem**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Programa de pós-graduação em Enfermagem, Rio Grande, 2016. Disponível em: <
https://lreferencia.info/vufind/Record/BR_68d83783950192ed46df7656d175c7e0>

GOUVEIA, Mirtila Marina Wood; DINIZ, Adriana Valéria Santos. **Promoção da saúde mental de graduandos da UFPB: proposições para uma atuação institucional**. Relatório técnico. (Mestrado Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20386/1/MirtilaMarinaWoodGouveia_Dissert.pdf

HELOANI, Roberto. Assédio moral: a dignidade violada. **Aletheia**, Canoas, n. 22, p. 101- 108, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000200010&lng=pt&nrm=iso.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

JÚNIOR, Landial Moreira. **Assédio moral no ambiente de trabalho**. Curitiba: Appris, 2021.

KANAN, Lilia Aparecida.; PEREIRA, Giovana Bedin; LOMBARDI, Péricles. Characteristics of moral harassment in the work context. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e95391110718, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.10718.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10718>.

LANDIS, John Richard; KOCH, Gary Grove. **The measurement of observer agreement for categorical data**. **Biometrics**. 33-159. 1977. <https://doi.org/10.2307/2529310>

LEYMANN, Heinz. **Mobbing: la persécution au travail**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

NUNES, Thiago Soares; TORGA, Eliana Maria Martins Fittipaldi. Assédio Moral na Pós-Graduação: As Consequências Vivenciadas por Docentes e Discentes de uma Universidade Estadual Brasileira. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 28(11). 2020. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4883>.

OIKAWA, Fabiana Midori; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Sofrimento psíquico e assédio moral no contexto universitário. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p. 19-33, abr. 2021. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2021v73i1p.19-33>.

RAMINELLI, Francieli Puntel. O ASSÉDIO MORAL NO ENSINO SUPERIOR. **Revista de Pesquisa e Educação Jurídica**, v. 8, n. 1, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/rpej/article/view/8705/6116>.

RAMÓN, Juan Pedro Martínez; ESTEBAN, Cecilia Ruíz; MATEO, Inmaculada Méndez. Víctimas universitarias de acoso: Un estudio sobre factores temporales y situacionales. **European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education**, v. 9, n. 3, pp. 149-157, 2019. <https://doi.org/10.30552/ejihpe.v9i3.331>.

REYES JÚNIOR, Edgar; REIS, André Luiz Nascimento; COSTA, Valéria Frota de Sousa; SANTOS, Yasmin Augusto dos. Relações interpessoais e sua influência na satisfação dos acadêmicos. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 206–228, 2019. DOI: 10.7769/gesec.v9i3.807. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/807-3258>.

RODRIGUES, Miriam; FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 2, p. 284–301, abr. 2014. <https://doi.org/10.1590/1679-39518275>

SANTOS, Sandra Carvalho dos. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos —sete princípios para a boa prática na educação de ensino superiorl. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 08, nº1, 2001. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/tx_5_proc_ens_aprend.pdf>.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. *et al.* —Ser estudantel no ensino superior: aspectos valorativos da experiência na perspectiva discente. **Linhas Críticas**, v. 26, p.

32512–32512, 2 set. 2020. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.32512

SILVA, Alda Karoline Lima da; MARINHO, Maria Izabel Dantas; MACHADO, Ludmila Sayonara da Silva Xavier; et al. Assédio moral no trabalho: do enfrentamento individual ao coletivo. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, p. e22, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/8ShCn6z78sLCwbjWdPtWRhh/>

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS, 2009.

SOARES, Adriana Benevides. *et al.* Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em Psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 56–76, 2016. DOI: 10.5433/2236-6407.2016v7n1p56. Disponível em: < <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/23794> >

SOBOLL, Lis Andréa Pereira. **Assédio moral/organizacional: uma análise da organização do trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SOBOLL, Lis Andrea Pereira; MIARA, Thais; MOSCALEWSKY, Juliana. A questão da intencionalidade no assédio moral. **Trabalho (En)Cena**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 03–17, 2017. DOI: 10.20873/2526-1487V2N2P3. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/3832>. Acesso em: 8 maio. 2024.

SOUZA, Christiane Santana. **Assédio moral em instituições de ensino superior: o caso dos profissionais técnicos da educação superior (PTES) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)**. *Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior)* - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 124, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60613>.

TEIXEIRA, Maria Odília; COSTA, Cátia João. Carreira e bem-estar subjetivo no ensino superior: Determinantes pessoais e situacionais. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 19-29, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902017000100003&lng=pt&nrm=iso. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p19>

TONIAL, Poliane Talita. **Assédio moral no ambiente universitário, aspectos de um sofrimento (in) visível e possibilidade de intervenção: uma questão para a psicanálise e para a educação**. *Dissertação (Mestrado em Educação)* - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, p. 116, 2021. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5944/5/Poliane_Talita_Tonial_2021.pdf

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, Juliana; ECHEIMBERG, Jorge de Oliveira; LEONE, Claudio. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 356-360, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822018000300017&lng=pt&nrm=iso.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

- 1) Idade:
() Entre 16 e 20 anos. () Entre 21 e 25 anos. () Acima de 25 anos.
- 2) Gênero:
() Feminino. () Masculino. () Outro: _____.
- 3) Naturalidade: _____.
- 4) Etnia:
() Branca. () Negra. () Parda. () Indígena. () Outro: _____.
- 5) Estado civil:
() Solteiro(a). () Casado(a). () União estável. () Vive com companheiro(a).
() Viúvo(a). () Separado(a) ou divorciado(a).
- 6) Você tem filhos?
() Sim. () Não.

Se sim, quantos filhos? () 1 filho (a). () 2 filhos (as). () Mais de 2 filhos (as).
- 7) Qual curso você está fazendo?
() Ciências Biológicas. () Educação Física. () Enfermagem. () Farmácia.
() Fisioterapia. () Odontologia. () Psicologia.
- 8) Ano de ingresso no curso: _____.
- 9) Qual semestre você está cursando?
() 1°. () 2°. () 3°. () 4°. () 5°. () 6°. () 7°. () 8°. () 9°. () 10°.
- 10) Você reprovou em alguma disciplina?
() Não. () Sim.

Se sim, você reprovou em qual(is) disciplina(s)?
_____.
- 11) Você concluiu outros cursos?
() Não. () Sim.

Se sim, qual(is) curso(s)? _____.
- 12) Você trabalha?
() Não. () Sim.

Se sim:
Carga horária semanal de trabalho? _____
Você trabalha na área do seu curso? () Não. () Sim.
Se você trabalha em outra área, diga a função que exerce: _____.
- 13) Com quem você mora atualmente?
() Sozinho. () Pais. () Irmãos. () Marido/Esposa. () Companheiro(a).
() Amigos. () Colegas. () Outro: _____.
- 14) De que modo você custeia seus estudos?
() Com meu trabalho. () Recebo auxílio dos pais. () Recebo auxílio do companheiro(a). ()

Bolsa de estudos. () Outro: _____.

- 15) Você participa de atividades de ensino, pesquisa, extensão, estágio ou monitoria?
() Não. () Sim, como voluntário. () Sim, como bolsista remunerado.

Se sim, qual(is) atividade(s) você participa? _____.

- 16) Como você avalia o seu relacionamento com a maioria dos colegas?
() Ótimo. () Bom. () Regular. () Ruim. () Péssimo.

- 17) Como você avalia o seu relacionamento com a maioria dos professores?
() Ótimo. () Bom. () Regular. () Ruim. () Péssimo.

- 18) Em algum momento você desejou abandonar o curso?
() Não. () Sim.

Se sim, descreva o motivo: _____.

- 19) Após concluir o curso de graduação, você pretende:
() Cursar especialização. () Cursar residência. () Cursar mestrado.
() Atuar na assistência de seu curso. () Atuar como docente. () Cursar outra graduação.

Caso marque a última opção, qual seria a outra graduação? _____.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOBRE MALTRATO PSICOLÓGICO NA GRADUAÇÃO

O questionário a seguir apresenta uma série de frases que podem ser consideradas atitudes ou comportamentos hostis na graduação. Solicitamos que você marque com que frequência enfrentou estes comportamentos ao decorrer do curso.

0	1	2	3	4	5
Nunca	Ao menos uma vez ao mês	Mais de uma vez ao mês	Ao menos uma vez por semana	Várias vezes por semana	Uma ou mais vezes ao dia

	0	1	2	3	4	5
1) Ser exposto(a) a críticas por parte dos colegas.						
2) Ser exposto(a) a críticas por parte dos professores.						
3) Receber críticas diretas sobre a forma como realiza o seu curso de graduação.						
4) Sofrer pressão ou sentir que o professor exerce um controle sobre suas ações de modo diferenciado entre você e seus colegas.						
5) Receber informações contraditórias.						
6) Não receber informações que os demais colegas do grupo receberam, como: troca de horários, e-mails, convite para reuniões, datas de provas, etc.						
7) Evitar ou impedir que você se comunique normalmente com os outros colegas do grupo.						
8) Designar-lhe tarefas inferiores à sua qualificação acadêmica.						
9) Receber ameaças sem justificativa, verbais ou escritas.						
10) Deixar de designar-lhe procedimentos de maior complexidade.						
11) Observar expressões negativas ou de dúvidas sobre sua responsabilidade, a sua dedicação aos estudos ou capacidade de tomar decisões em relação as pessoas sob seus cuidados (seu público alvo).						
12) Observar expressões verbais referente a seu equilíbrio psicológico						
13) Ser discriminado(a) em relação ao resto dos colegas (tratamento, distribuição de tarefas).						

14) Designar-lhe atividades acadêmicas desnecessários ou sem motivos que os justifique.							
15) Ser excluído(a) das atividades desenvolvidas em grupo.							
16) Não ser convidado(a) para eventos acadêmicos, reuniões, festas de turma.							
17) Ser acusado(a) de apresentar dificuldade de relacionamento com colegas, professores, equipe, público alvo do seu curso.							
18) Ser acusado(a) injustamente de cometer erros.							
19) Não lhe dar a possibilidade de expressar críticas e opiniões ou ser interrompido quando você está falando.							
20) Ser questionado(a) provocando sua exposição.							
21) Comentários maliciosos, ridicularização, zombarias, gestos pejorativos a seu respeito.							
22) Utilização de apelidos ou expressões verbais de desprezo contra você.							
23) Não receber respostas de suas perguntas verbais ou escritas.							
24) Recusar suas propostas, antes de avaliá-las.							
25) Ser excluído(a) de atividades que tenham possíveis influências ou repercussões em sua formação acadêmica.							
26) Ser responsabilizado(a) por erros cometidos pelos outros.							
27) Observar imitação dos seus gestos, palavras ou comportamentos, em tom de desprezo ou zombaria.							
28) Receber olhares de desprezo.							
29) Não ser cumprimentado(a).							
30) Ser ridicularizado(a) publicamente.							
31) Ser ignorado(a) em questões ou decisões relacionadas à sua área de formação acadêmica.							
32) Desatenção por parte dos seus professores ou coordenadores de curso à suas queixas de assédio moral.							
33) De forma geral, vivenciar situações de maltrato psicológico no ambiente acadêmico.							

34) No seu ambiente de formação acadêmica, você vivenciou algum dos atos anteriores durante pelo menos 6 meses e no mínimo uma vez por semana?

Não. Sim.

Se sim, anote o(s) número(s) da(s) questão(ões) correspondentes ao que foi vivenciado por você durante pelo menos 6 meses e no mínimo uma vez por semana (situado à esquerda da frase).

35) Você presenciou o acontecimento de algum dos atos anteriores, com seus colegas e demais acadêmicos? Não. Sim.

Se sim, anote o(s) número(s) da(s) questão(ões) correspondente(s) ao que foi vivenciado por seus colegas e demais acadêmicos, e que você presenciou (situado à esquerda da frase).

36) Em geral, você se sente atualmente assediado psicologicamente no seu ambiente de formação acadêmica? Não. Às vezes. Sim.

Se sim, por quem: Diretoria. Coordenadores do Curso. Professores.

Servidores Administrativos. Supervisores dos Estágios. Colegas. Outros:

Obrigada por contribuir conosco!

